

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TUTTO FELLINI!

A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano

18 e 24 de novembro de 2020

# LA CITTÀ DELLE DONNE / 1979

(*A Cidade das Mulheres*)

um filme de **Federico Fellini**

**Realização:** Federico Fellini / **Argumento e Diálogos:** Federico Fellini, Bernardino Zapponi e Brunello Rondi / **Fotografia:** Giuseppe Rotunno / **Música:** Luis Bacalov / **Canção:** "Uma donna senza uomo è" de Mary Francalao / **Cenários:** Dante Ferretti / **Arquiteto:** Giorgio Giovaninni / **Esculturas:** Giovaninni Gianese / **Pinturas e frescos:** Italo Tommasi, Rinaldo e Giuliano Geleng / **Figurinos:** Gabriella Pescucci / **Efeitos especiais:** Adriano Pischiutta / **Montagem:** Ruggero Mastroianni / **Interpretação:** Marcello Mastroianni (Snaporaz), Anna Prucnal (a sua mulher), Bernice Stegers (a mulher do comboio), Ettore Manni (Dr.Sante Katzone), Iole Silvani (a motociclista gorda), Donatella Damiani (Donatella), Fiammetta Baralla, Helene G.Calzarelli, Catherine Carrel, Marcello Di Falco (o homossexual na festa de Katzone), Silvana Fuscchia, Gabriella Giorgelli (a peixeira), Dominique Labourier, Stéphane Emilfork, Sylvie Mayer, Loredana Solfizi, Fiorella Molinari, Rosaria Tafuri, Sylvie Wacrenier, Carla Terlizzi (uma feminista), Jill e Viviane Lucas (as gêmeas), Mara Ciukleva (a velha senhora de 85 anos), Minno Poli, Nello Pazzafini, Armando Parracino, Umberto Zuanelli e Pietro Fumagalli (os 3 velhos na sequência das recordações).

**Produção:** Opera Film (Roma) e Gaumont (Paris) / **Produtor Executivo:** Franco Rossellini / **Cópia:** DCP, cor, versão original, legendada em inglês e eletronicamente em português, 139 minutos / **Estreia Mundial:** Roma, 27 de Março de 1980 / **Estreia em Portugal:** Cinema Londres, a 15 de Maio de 1981.

---

"*A meio do curso da nossa vida afastei-me do verdadeiro caminho e penetrei numa floresta escura*". Fellini poderia muito bem ter ido buscar ao grande poeta florentino os primeiros versos da *Divina Comédia* para servir de abertura ao seu opus 17. O filme divide-se também em três partes distintas que permitiriam continuar a estabelecer essa comparação. Após o prólogo, que nos lança de imediato no campo do onirismo e da sexualidade (a entrada no túnel do comboio que leva Snaporaz, que se repete terminada a "viagem", plano sempre repetido mas que só atingiu o seu pleno sentido em **North by Northwest** de Hitchcock), Fellini/Snaporaz guiado pelo seu "Virgílio" de saias, entra no "Inferno" de um "congresso feminista", onde os seus "pecados" e os do sexo masculino em geral são expostos de forma ridícula e obscena, provocando-lhe o sentimento de vergonha de quem se vê despido e desfrutado em público. Do pesadelo passamos ao "Purgatório" em que Snaporaz vê D. João e outros libertinos materializados no Dr. Katzone, e a imagem materna na figura da mítica mulher ideal. Finalmente temos também um passeio pelo "Paraíso", pois o que é isso senão a memória da inocência e da infância, antes de Snaporaz voltar (?) à realidade, despertando do seu sonho, mas logo tentando retomá-lo procurando de novo aquelas imagens fugidas, e que Fellini, personagem-cúmplice faz coincidir em nova viagem do comboio pelo túnel da

memória, convite explícito ao espectador para que ele também retome o seu sonho, revisitando o filme e o seu universo.

É certo que a comparação é excessiva (e penitencio-me da ousadia), mas a verdade é que, estruturalmente, há uma semelhança entre as duas obras, e Fellini conhece, sem dúvida, o poema de Dante. Mas é caminho que não vou percorrer, preferindo voltar ao "purgatório" da obra do realizador. **A Cidade das Mulheres** é, antes de mais, a segunda sessão de auto-análise a que nos sujeita o autor de **A Estrada**. Se é verdade que em todo o seu cinema o tema central é o seu ego, é em **Otto e Mezzo** e **La Città delle Donne** que ele se encena inteiramente a si próprio, suas obsessões e íntimos segredos. **La Dolce Vita** era ainda um ensaio. Nos três filmes, o mesmo actor: Marcello Mastroianni, "alter-ego" do realizador. Mas entre os dois primeiros há muitas mais semelhanças, de tal modo que o filme que vamos ver parece uma cópia a papel químico de **Otto e Mezzo**, ou antes, uma sua imagem ampliada e deformada. Os vinte anos que passaram entre os dois filmes agudizaram o cepticismo e o movimento de fuga para o passado. E trazem também os sinais duma certa senilidade. Em **A Cidade das Mulheres**, Fellini parece nada mais ter a dizer, ficando beatificamente a contemplar o umbigo. Há a poesia e a beleza das imagens, sem dúvida, mas é a poesia e a beleza das ruínas onde se adivinha a riqueza e o fulgor perdidos. Há os cenários barrocos, concebidos por Fellini, tão carregados de sentido que atingem o grotesco: as estátuas fálicas em casa de Katzone, a desordem do hotel do congresso, casinha de "chocolate" para onde o pobre Hansel é levado por uma devoradora Gretel e entregue ao cuidado das "bruxas", o aeróstato em forma de mulher que, esvaziando-se se torna a caricatura grotesca da desejada "mulher ideal", e aquela imensa cama onde a masturbação colectiva diante do ecrã dá a ilusão do movimento das ondas do mar. Há porém, a belíssima e feérica sequência do percurso pela vida ao longo do "escorrega", onde Snaporaz reencontra a infância e adolescência, num ambiente de feira, onde três mágicos tomam o papel de "Virgílio" guiando-o pelo "paraíso" das boas recordações dos seus primeiros contactos com a "Mulher", deixando-lhe um sorriso de encantamento e o desejo de que o sonho nunca acabe. Sonhos de inverno, devaneios saudosistas, que nada têm a ver com a lucidez da velhice de autores como Visconti, para não ir mais longe. Daí que talvez seja absurdo acusar Fellini de fazer um filme anti-feminista. No campo do feminismo, **A Cidade das Mulheres** limita-se a encenar chavões e radicalismos vistos por uma óptica espectacular e especular. Encenação e espelho devolvendo situações e expressões grotescas como um número de revista. Para Fellini, homens e mulheres, em pé de igualdade ou diferença, são apenas e só membros de um espectáculo que ele encena num pequeno palco dentro do palco mais vasto do mundo, todos belos, feios, alegres, tristes e patéticos. É um cinema, o de Fellini, que não suscita polémica. Aceita-se ou não. Estas permanentes viagens ao passado, estas obsessões pessoais, apenas têm sentido quando encaradas sob a forma confessional. Fellini não critica nada, não analisa nada. Exibe-se. Com inocência e desfaçatez. Com uma certa ingenuidade também. E, sem dúvida, com ternura e simpatia pelo mundo do espectáculo. E o prazer de nele participar. Nada mais. O resto não significa nada. É antes *"a conversa depois de um jantar, de um homem ligeiramente embriagado"* (Fellini).

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico